

EDITORIAL

Este é o primeiro número da revista *Bagoas*, uma publicação semestral do Centro de Ciências Humanas, Letras e Artes da Universidade Federal do Rio Grande do Norte. A revista publicará artigos resultantes de estudos teóricos e pesquisas empíricas sobre gênero, sexualidade, homossexualidade, destacando espaço para os *estudos gays*, nomeadamente as reflexões sobre o homoerotismo, lesbianismo, transgêneros, conjugalidades e parentalidades homossexuais, identidades GLBTT. A revista publicará igualmente trabalhos de teoria social, análises da política e reflexões sobre direitos humanos que constituam contribuições ao pensamento crítico sobre as temáticas centrais da proposta editorial. Haverá igualmente uma seção para resenhas.

Hoje, a pesquisa e a abordagem dos temas da sexualidade, gênero e, em particular, da homossexualidade, por intelectuais universitários e pesquisadores acadêmicos, constituem uma realidade em diversas universidades e em diversos países. Todavia, a inexistência de revistas acadêmicas específicas que sejam espaços para a publicação dos trabalhos resultantes de seus estudos é igualmente uma realidade sentida por muitos. A pretensão da revista *Bagoas* é ser um espaço para a publicação do resultado dos trabalhos de pesquisadores brasileiros e estrangeiros, ocupados com o estudo dos temas mencionados, de maneira a tornar-se um espaço de conhecimento e discussão sobre questões que, embora conservem o tratamento conceitual e intelectual, extrapolam o mero interesse acadêmico.

A *Bagoas* pretende ser, pois, um veículo de discussão e de reflexão sobre importantes questões do campo da cultura, da política e da teoria concernentes às homossexualidades, às identidades/identificações de gênero (incluindo a transexualidade, o travestismo), às sexualidades de uma maneira plural, publicando artigos de autores brasileiros e de outros países, de maneira a compartilhar o conhecimento e a reflexão teórico-filosófico-científica que se produz dentro das universidades mas igualmente fora delas.

Ao emprego do termo *gay* pela *Bagoas* não deve ser dado o sentido restrito que o vincula à homossexualidade masculina ou aos homens homossexuais. De todo modo, é preciso admitir que, por outros usos correntes, existe o risco de se falar quase que exclusivamente de homens homossexuais quando se aborda a homossexualidade sem o uso de termos como *lesbianismo* e *lésbicas*, podendo produzir-se um tipo de silêncio em torno da homossexualidade feminina que não seria menos discriminatório. No entanto, é razoável supor que, sem essa conotação restrita, o termo *gay* pode ser resgatado para um emprego em sentido muito mais amplo e libertário.

Em *Cristianismo, tolerancia y homosexualidad* (1998), John Boswell, para quem o termo *gay* estaria livre das conotações médico-jurídicas que o termo homossexual carrega (“*a palavra*

homossexual sugere implicitamente que a característica distintiva primária dos gays é sua sexualidade”, maneira preconceituosa de conceber os homossexuais e a homossexualidade), aponta aspectos históricos que podem ser úteis a uma outra compreensão do termo: “*a palavra gay antecede em vários séculos a ‘homossexual’ e, em geral, emprega-se com muito mais precisão: a maior parte dos falantes se refere com ela a pessoas conscientes de sua preferência erótica por pessoas de seu próprio sexo*” (p. 66). Sobre a origem do termo gay, observa:

“a palavra provençal gai se usava nos séculos XIII e XIV em referência ao amor cortês e à sua literatura, e persiste no catalão – o parente vivo mais próximo do provençal – para designar a “arte da poesia” (gai saber), um “amante” (gaiol) e uma pessoa abertamente homossexual. Não é claro que, nesse último sentido, o termo não tenha sido tomado do inglês, mas semelhante contaminação não constitui prova alguma de que, em um momento anterior, gai não significasse ‘homossexual’. Onde o culto do amor cortês alcançou mais popularidade foi no sul da França, zona conhecida pela sexualidade gay, e certa poesia trovadoresca era explicitamente homossexual. (...) É possível que, fora das áreas familiares, gai também adquira conotações homossexuais com todo o alcance do erotismo trovadoresco (BOSEWLL, 1998, p. 453).

Posteriormente, é Michel Foucault quem acrescenta: a palavra gay “*contribui para uma avaliação positiva*” da homossexualidade e dos homossexuais e, com a idéia de uma “cultura gay”, pensou que esta poderia ser responsável pela criação de um mundo relacional mais rico. Como disse: “*Vivemos, de fato, em um mundo legal, social, institucional no qual as únicas relações possíveis são muito pouco numerosas, extremamente esquematizadas, extremamente pobres. (...) Vivemos em um mundo relacional consideravelmente empobrecido pelas instituições. A sociedade e as instituições que constituem sua ossatura limitam a possibilidade de relações (...) Devemos lutar contra esse empobrecimento do tecido relacional.*” (Ditos e escritos; V, p. 120) E igualmente sobre o que uma “cultura gay” poderia representar para a sociedade, afirmou:

uma cultura no sentido amplo, uma cultura que inventa modalidades de relações, modos de vida, tipos de valores, formas de troca entre indivíduos que sejam realmente novas, que não sejam homogêneas nem se sobreponham às formas culturais gerais. Se isso for possível, a cultura gay não será então simplesmente uma escolha de homossexuais por homossexuais. Isso criará relações que podem ser, até certo ponto, transpostas para os heterossexuais. É preciso inverter um pouco as coisas, e, mais do que dizer o que se disse em um certo momento: ‘Tentemos reintroduzir a homossexualidade na normalidade geral das relações sociais’, digamos o contrário: ‘De forma alguma! Deixemos que ela escape na medida do possível ao tipo de relações que nos é proposto em nossa sociedade, e tentemos criar no espaço vazio em que estamos novas possibilidades de relação’. Propondo um novo direito de relação, veremos que pessoas não homossexuais poderão enriquecer suas vidas modificando seu próprio esquema de relações. (...) Ao escapar da categorização “homossexualidade-heterossexualidade”, os gays deram um passo importante e interessante. Eles definiram de modo diverso seus problemas tentando criar uma cultura que só tem sentido a partir de uma experiência sexual e de um tipo de relações que lhe seja próprio. Creio que uma abordagem interessante seria fazer

com que o prazer da relação sexual escape do campo normativo da sexualidade e de suas categorias, e por isso mesmo fazer do prazer o ponto de cristalização de uma nova cultura (*ibid.*, p. 122-3).

O emprego do termo gay pela Bagoas, pois, pretende expressar a intenção da revista de ser um espaço para reflexões que são também o propósito de um outro modo de vida, um estilo, uma cultura, pela reinvenção das relações, reinvenção dos modos de ser, reinvenções da moral, reinvenções da vida... pela certeza de que, como escreveu Nietzsche, a vida veio antes da moral, não podendo esta, pois, impedir a vida, mas permiti-la. Nova cultura: criação de *um mundo relacional rico*, outras formas de relacionamentos, outros casais, outras famílias, outras formas do amor, outras conjugalidades, coexistências provisórias, novas estéticas da existência. São esses os sentidos que queremos ver relacionados ao termo gay, aos estudos gays, a uma cultura gay. Esses sentidos são também a resposta gay aos conservadorismos sociais e aos preconceitos ainda existentes, alguns que se disfarçam e permanecem no interior até mesmo das universidades, estas que deveriam ser exemplos no combate a todas as formas do preconceito ignorante.

Os estudos gays, os estudos de sexualidade e de gênero trazem a compreensão que a realidade humana da moral, dos conceitos, das normas, das crenças, das instituições etc. são construções sociais, históricas e culturais e, por essa razão, não podendo ser admitidas como universais e invariáveis, substâncias ou essências naturais e eternas, não podem também servir para a opressão, a marginalização, o estigma e a exclusão dos indivíduos em razão de definições a propósito de gênero, orientação sexual, identidade sexual. Assim como foram criados, em um contexto de época e lugar, padrões sociais e morais, instituições sociais podem e devem ser modificados. Os estudos que a Bagoas publicará pretendem ser uma contribuição a essa compreensão.

No título, homenageamos a figura de Bagoas, eunuco persa, dançarino, que pertenceu à corte de Dario III e, posteriormente, à corte de Alexandre Magno. Bagoas (ou Bagoi no idioma persa antigo) viveu no século 4, acredita-se que faleceu no ano de 336. Descrito como dono de uma beleza incomparável e exímio dançarino, andrógino, foi um dos cortesãos e amantes preferidos de Alexandre, o Grande. Segundo Boswell, para Alexandre Magno, Bagoas “foi indiscutivelmente o centro erótico de sua vida”. Para historiadores, ele igualmente teria influenciado de maneira importante o modo como Alexandre se relacionou com os povos conquistados, integrando-os ao seu império.

Na nossa homenagem, Bagoas representa a tradição homoerótica das culturas da Antiguidade, portanto, uma realidade afastada da tradição moderna ocidental que banuiu a homossexualidade para o campo das práticas estigmatizadas pelos discursos médico, jurídico e

religioso. Bagoas é igualmente a figura da androginia, das possibilidades de gênero, da pluralidade do desejo, das multiplicidades do ser. Ele exprime a idéia que funda a revista: homens e mulheres, como seres culturais e de desejo e imaginação, podem ser muitas coisas, podem viver de muitas maneiras, podem criar diversificados estilos e modos de vida. Contra os fundamentalismos e os colonialismos ainda existentes, Bagoas representa igualmente uma imagem pela integração dos povos, integração das culturas. Homenagem às mestiçagens de gentes e idéias. Um posicionamento pelo fim das fronteiras, pela abertura à migração de pessoas por seus desejos, projetos, sonhos.

Os artigos deste primeiro número refletem o debate existente acerca das questões da “identidade gay”, são diversos quanto aos posicionamentos, mas todos empenhadamente críticos dos preconceitos e dos conservadorismos. Os artigos discutem igualmente as concepções correntes sobre a homossexualidade e abordam a problemática da homofobia e dos direitos humanos.

A Editoria da Bagoas tem muito a agradecer à Direção do CCHLA/UFRN pelo apoio dado à iniciativa de fundação da revista e, ao longo da trajetória que se inicia, esperamos realizar os objetivos que reuniram colegas colaboradores de diversas universidades e em diferentes países.

O Editor